

Cousa de Raízes. Adela Figueroa Panisse(ADEGA)

Apresentação da campanha em defesa do Bosque autóctone na Eira da Xoana.

Este domingo foi apresentado ao público a nova campanha de ADEGA em defesa das nossas florestas.

Como habitantes sensíveis, da Galiza, e, ainda por sermos um grupo ecologista, manifestamos a nossa grande preocupação pelo deterioro ambiental da nossa Terra. Nomeadamente pelo que diz a respeito das massas florestais mais "nossas", como as que formam os soutos carvalheiras etc carvalhos, castinheiros, nogueiras, freixos, bidueiros, amieiros, etc. E dizer as massas arboradas caducifólias. É bem sabido que estas árvores medram mais lentamente do que o faz o eucalipto, mas elas representam a nossa paisagem mais reconhecível, a que está metida na nossa memória coletiva e afetiva. A que identificamos como fazendo parte da nossa cultura. As árvores de folha caduca, (e os pinheiros...) estavam cá antes de que os romanos invadissem as nossas terras e antes de que a ditadura do capitalismo mais selvagem nos invadissem na atualidade. Agora, para onde quer que olhemos, a nossa vista afaga-se na monotonia das massas de monoculturas de eucalipto. Nomeadamente na costa.

É esta uma luta desigual, porque os eucaliptos crescem a grande velocidade para serem cortados em turnos de 15 anos, e, ainda, as vezes menos. A Plantação de eucaliptos é uma prática que está apoiada pelos mesmo poderes que fomentam a colonização cultural e econômica do nosso País. As fábricas de celulosa, como o é a de Pontevedra, estão interessadas em que haja grande produção (oferta), e, na prática do seu monopólio, poder fixar os preços á baixa. Não se importam com a descida da biodiversidade quer animal quer vegetal. Nem com a desapareição da cultura tradicional, diversa e rica que sabia cultivar carvalhos ou castanheiros de maneira equilibrada e sustentável. Não se importa também com o abandono do rural, porque, desta maneira fica mais campo para fomentar a cultura do eucalipto(velhos e poucos, os habitantes vêm nesta planta uma boa solução para um último uso das suas terras que já nem podem trabalhar) O território fica pouco e pouco em mãos das multinacionais que sabem manejar melhor uma monocultura que a diversidade que sempre caracterizou o rural galego. Os incêndios tampouco lhes preocupam tanto. Acabam por serem, em seus inventários, danos colaterais, perdas contáveis.

Mas nos sabemos que outro mundo é possível, que é factível o convívio das tradições com a capacidade de vida no rural. Que se pode combinar respeito pela natureza com qualidade de vida. Não queremos perder as nossas palavras em que exprimem os nossos saberes tradicionais. Que o tema florestal e de cultura do monte é, sobre tudo, uma questão de vontade política. Na Eira da Xoana escutamos varias experiências que estão a por em andamento e que representam uma esperança para a nossa floresta e para o nosso agro:

Alibós, a empresa que facilita a plantação de massa de castanheiros, Asporcel, a Associação do Porco celta que combina sua criação com a cultura dos soutos, e das carvalheiras, as comunidades dos Montes Vizinhos e de Mão Comum, que defendem um uso diversificado dos montes, a FRUGA, que unifica a muitos produtores agrícolas e defende a diversidade de produção no rural, e muitas

associações mais assim quanto os grupos ecologistas, em geral, que defendemos um Rural Vivo porque sabemos que só os habitantes serão quem o vão manter para as gerações futuras.

Fazemos votos porque assim seja. Com a nossa força e com a força da razão.

Uma informação mais completa aparece em.

<http://adega.info/web/novas.php?id=186&idioma=gl&sec=7>

<http://eiradaxoana.blogaliza.org/>